

UMA TERCEIRA PESSOA

Quando fica muito difícil chegar a um acordo, uma alternativa é procurar um serviço de mediação. O mediador, ainda pouco conhecido no país, é um profissional que faz a ponte entre os dois lados até que se chegue a uma solução com a qual ambos concordem. "A mediação é a arte de harmonizar conflitos. Ela parte de uma lógica que se opõe à disputa e procura encontrar soluções compartilhadas", diz a psicanalista e mediadora Malvina Muszkat, presidente do conselho da organização não-governamental Pró-Mulher, Família e Cidadania. Segundo ela, essa lógica é difícil de compreender porque somos treinados para "disputar no varejo e não pensar em termos mais amplos".

A formação na área de mediação pode ser obtida em cursos complementares de faculdades de direito e psicologia, em cursos universitários de especialização ou em treinamentos oferecidos por algumas instituições, como o Instituto Família e o Pró-Mulher, Família e Cidadania. Um anteprojeto de lei que regulamenta a profissão aguarda votação no Congresso. Alguns casos são encaminhados pelo Poder Judiciário, mas há quem procure

Mais de 50 anos após a morte de Gandhi, sua filosofia vem sendo lida e praticada por ocidentais que tentam dar sua contribuição pessoal para a criação de uma cultura da paz

diretamente instituições gratuitas ou consultórios particulares de mediação.

"Muitos casos chegam a tal grau de complicação que já não se conversa mais. Num divórcio, por exemplo, a carga emocional pode impedir que as pessoas se falem, mas é preciso tratar da divisão de bens e da guarda dos filhos. O papel do mediador é fazer com que as partes mantenham um diálogo", diz o mediador Cássio Filgueiras, fundador da Rede Internacional de Mediadores Interdisciplinares (Rimi).

Junto com o documentarista e mediador da Rimi Denis Rodriguez, Filgueiras foi ao Canadá fazer um curso sobre a técnica e filmar um documentário chamado "Mediação Brasil-Canadá" (em processo de produção). Na província do Québec, 78% das demandas em direito de família são resolvidas com a mediação.

Segundo Rodriguez, o mediador não tem o poder de decidir. "A decisão é dos envolvidos no conflito. E, geralmente, ela é equânime. Se alguém estiver muito rebaixado, tiver mais dificuldade para se articular e não conseguir se colocar, trabalha-se para trazê-lo ao mesmo patamar da outra parte", diz.

Para a dona-de-casa Isabel Cristina de Souza, 35, e o químico Alex Nilson de Souza, 36, a mediação foi uma ajuda para manter o casamento de 17 anos. "Tínhamos muitas discussões bobas, implicâncias sem motivo. Não conseguíamos nos entender e chegar a um acordo. Com o trabalho de mediação, conseguimos colocar a família nos eixos", conta Isabel.

Quem fez a mediação foi a psicóloga Dorit Wallach Vereá, coordenadora da Clínica Prisma, em São Paulo. Para ela, muitos problemas nascem por dificuldade de comunicação e de compreensão das prioridades alheias. "As pessoas são diferentes e, às vezes, não conseguem se expressar e entender o outro. Em alguns casos, uma terceira pessoa imparcial pode ajudar a encontrar um denominador comum", diz.

Para a advogada Cecília Manara, 29, que procurou a mediação para resolver um conflito com seu ex-namorado, passar pelo processo é um ato de coragem, já que obriga a encarar o problema de frente. Os dois eram sócios em um escritório de advocacia. Quando o relacio-



A dona-de-casa Isabel Cristina de Souza com a psicóloga que conduziu a mediação entre ela e o marido

NA ESCOLA

Nas cidades de Araçatuba e Birigüi, no interior paulista, algumas escolas públicas usam técnicas de mediação para resolver conflitos. O responsável pela introdução da prática é o Educadores da Paz, projeto do Espaço Interação, instituição voltada para a não-violência na escola. Os mediadores são professores, funcionários ou alunos do local.

"Em geral, a criança que comete uma infração recebe uma suspensão. Mas esse não é o caminho. Quando se tira a liberdade do aluno, ele se torna mais violento. A educação para a não-violência requer o diálogo e a escuta ativa. A criança e o adolescente precisam entender a responsabilidade das suas escolhas", diz

O mediador, ainda pouco conhecido no país, é um profissional que faz a ponte entre os dois lados até que se chegue a uma

eles. Em vez de focarem na respiração, como normalmente ocorre nas práticas meditativas, os alunos se concentram no sorver da bala.

"Percebo que a ansiedade deles baixa significativamente. A escolha da bala é estratégica, pois trata-se de um elemento de afetividade. Os adolescentes têm um pé na infância e outro no mundo adulto. Perceber-se adulto, centrado consigo mesmo, por meio do viés da infância é fazer a ligação entre o passado, o presente e o futuro", relata.

Quando surge um conflito na sala de aula, Jacob recorre a jogos cooperativos, histórias e vídeos para incentivar a reflexão e o diálogo e resolver a questão com a turma.

"Uma atitude cooperativa, que se en-